

Vere Dominus Est Cupertinos

ENSEMBLE VOCAL

10 de julho de 2022 • 18h00
Mosteiro de Cós

Apoio:
Paróquia de Cós
União das Freguesias de
Cós, Alpedriz e Montes

Programa

Vere Dominus est – influência da música Franco-Flamenga em Portugal nos séculos XVI e XVII

Pierre de Manchicourt (1510–1564)
Vere Dominus est a 5

Filipe de Magalhães (1571–1652)
Kyrie (da Missa Vere Dominus est)

Gloria (da Missa Vere Dominus est)

Damião de Góis (1502–1574)
Ne laeteris a 3

Pedro de Cristo (1550–1618)
Pater peccavi

Miserere mei Domine

Filipe de Magalhães
Credo (da Missa Vere Dominus est)

Pedro de Cristo
Parce mihi Domine a 8

Philippe Rogier (1561–1596)
Clamavi de tribulatione mea

Jacques Arcadelt (1507–1568)
Gaudet in caelis

Filipe de Magalhães
Sanctus & Benedictus (da Missa Vere Dominus est)

Filipe de Magalhães
Agnus Dei (da Missa Vere Dominus est)

Jean Mouton (1459–1522)
Tua est potentia a 5

Duarte Lobo (1565–1646)
Audivi vocem de caelo a 6

Ficha artística

Luís Toscano, *direção musical*
Eva Braga Simões e Joana Castro, *cantus*
Gabriela Braga Simões e Maria Bustorff, *altus*
Luís Toscano e André Lacerda, *tenor*
Pedro Silva e Nuno Mendes, *bassus*

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



Estrutura
financiada por



Parceria
Estratégica



Patrocinador
Principal



Patrocinador
Rota de Cister



Parceria
institucional



Parceiros
médios



Membro de



Organização



Biografias

Cupertinos

Nascido no seio da Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão, em 2009, o grupo vocal Cupertinos dedica-se quase em exclusivo à música portuguesa dos séculos XVI e XVII, alicerçada num núcleo de compositores de renome mundial como Duarte Lobo (c.1565 - 1646), Manuel Cardoso (1566 - 1650), Filipe de Magalhães (c.1571 - 1652) ou Pedro de Cristo (c.1550 - 1618).

Com uma média anual superior a quinze concertos, os Cupertinos apresentaram já cerca de duas centenas e meia de obras, incluindo mais de cem inéditos. Numa abordagem performativa sem precedentes, vários destes inéditos têm sido transcritos a partir das fontes originais pelos próprios elementos do grupo sob a supervisão do seu diretor musical, Luís Toscano, e do Prof. Doutor José Abreu (Universidade de Coimbra e ESMAE).

Além do Festival Internacional de Polifonia Portuguesa, do qual são anfitriões, os Cupertinos têm participado em conceituados festivais de música, nomeadamente II e VI Ciclo de Requiem de Coimbra, I e V Festival Internacional de Música Religiosa de Guimarães, IX Ciclo de Música Sacra da Igreja Românica de São Pedro de Rates, XXII e XXV Cisternúsica – Festival de Música de Alcobaca, Ciclo “Espaços da Polifonia”, XVIII Jornadas Polifónicas Internacionales “Ciudad de Ávila”, West Coast Early Music Festival, Bolzano Festival Bozen, Temporada Música em São Roque, Festival Terras Sem Sombra e Festival “Polyphony in Portugal”. Após a estreia no Reino Unido, em fevereiro de 2020, na série de concertos *Choral at Cadogan*, futuros compromissos incluem a apresentação no Wigmore Hall, no Festival “Tage Alter Musik” em Regensburg — e na Estónia no Haapsalu Early Music Festival.

Crescentemente reputados como verdadeiros embaixadores da Polifonia Portuguesa, os Cupertinos viram este epíteto reforçado com o lançamento dos seus trabalhos discográficos dedicados a Manuel Cardoso e Duarte Lobo. Editados pela prestigiada etiqueta Hyperion, estes CD são presença assídua nas rádios clássicas por toda a Europa e têm sido aclamados na imprensa da especialidade (BBC Music Magazine, Gramophone, Choir & Organ e Chorzeit). Os Cupertinos conquistaram o primeiro galardão com a inclusão na “Bestenliste” da “deutscher Schallplattenkritik” e foram distinguidos nos Gramophone Classical Music Awards 2019, vencendo na categoria de “Música Antiga”. Foram finalistas na Edição de 2020 dos PLAY – Prémios da Música Portuguesa e vencedores na categoria Melhor Álbum Música Clássica/Erudita na edição de 2021.

Luís Toscano

Após ter iniciado a sua atividade como coralista no Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra, prosseguiu os seus estudos musicais no Conservatório de Música de Coimbra, obtendo, em simultâneo, a Licenciatura em Economia na Universidade de Coimbra. Subsequentemente, foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia num projeto de investigação, edição e interpretação de música portuguesa dos séculos XVI e XVII e concluiu o Mestrado em Música na Universidade de Aveiro. Atualmente, é aluno de Doutoramento em Estudos Artísticos | Estudos Musicais e colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

É diretor musical e membro do grupo vocal Cupertinos, com quem recebeu o prestigioso Gramophone Music Award 2019, na categoria Música Antiga. É também co-fundador do grupo La Farsa e membro do Grupo de Fado Aeminium, da Capela Gregoriana Psalterium, do Coro Casa da Música e do Ars Nova Copenhagen. Colabora regularmente com outros reputados grupos europeus, tais como The Brabant Ensemble (UK), Theatre of Voices (DK), Ludovice Ensemble (PT), Contrapunctus (UK), Música Ficta (DK), Vocal Ensemble (PT) e Los Afectos Diversos (SP).

Notas de programa

A influência franco-flamenga no ambiente musical português dos séculos XVI e XVII

Originária de uma zona geográfica correspondente nos nossos dias ao norte da Bélgica e sul dos Países Baixos, a comumente denominada Escola Franco-Flamenga desenvolveu-se a partir do século XV como uma das mais proeminentes correntes de música vocal polifónica. A sua influência estendeu-se rapidamente a toda a Europa Central e Ocidental, tornando-se na principal fonte de recrutamento de músicos e mestres de capela para as casas aristocráticas ao longo desse século e do seguinte. Como agente central na fervilhante teia comercial, diplomática e cultural que caracterizava o continente, o nosso país não foi alheio àquele fenómeno. A exploração de algumas das principais linhas reveladoras da influência da música franco-flamenga no ambiente musical português das centúrias de 1500 e 1600 será o mote do programa apresentado pelo grupo vocal Cupertinos nesta edição de 2022 do Cistermúsica.

Esta influência é, desde logo, inquestionável na *Missa Vere Dominus Est*, de Filipe de Magalhães (c.1571-1652), verdadeiro cerne deste alinhamento. Composta a partir do motete homónimo de Pierre de Manchicourt (c.1510-1564) — músico que trabalhou nas catedrais de Tournai e Arras antes de se tornar mestre da *Capilla Flamenca* de Felipe II de Espanha, em 1559 — é uma das quatro missas do *Missarum Liber* (Lisboa, 1636) de Magalhães baseadas em obras de compositores franco-flamengos. A proximidade deste aclamado polifonista português ao entorno de D. João IV poderá não ser alheia a esta selecção: a sobrevivente primeira parte do catálogo da monumental Biblioteca Musical do monarca melómano, tragicamente perdida em 1755, nomeia mais de duas dezenas de compositores oriundos dos Países Baixos.

Vários daqueles nomes subsistem, porém, a encabeçar impressos e manuscritos preservados em arquivos portugueses. Em particular, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra — cujo repositório foi largamente enriquecido na sequência da extinção das ordens religiosas em 1834 — prevalecem obras de Jean Mouton (c.1459-1522), Pierre Moulu (c.1484-c.1550), Jacques Arcadelt (c.1507-1568), Clemens non Papa (c.1510-1555/6) ou Philippe Rogier (c.1561-1596), entre outros. A proveniência explícita, em vários destes volumes, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra indicará a mais do que provável familiaridade de contemporâneas e subsequentes gerações crúzias — de que Pedro de Cristo (c.1550-1618) será um dos principais representantes — com a música oriunda dos Países Baixos.

Em sentido contrário, podem ser apontados dois lusitanos cuja atividade se encontra perenemente vinculada a Antuérpia, um dos incontornáveis empórios europeus dos séculos XVI e XVII: Damião de Góis (1502-1574) — reputado humanista e diplomata ao serviço da Coroa nacional, além de respeitado compositor — e Duarte Lobo (c.1565-1646) — nome cimeiro da Polifonia Portuguesa que, entre 1602 e 1639 teve o inusitado privilégio de publicar quatro volumes de obras suas na *Officina Plantiniana*, uma das mais prestigiosas casas editoriais do seu tempo, cuja sede, mantida hoje como espaço museológico, pode ser visitada naquela pitoresca urbe flamenga.

Luís Toscano



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.

Consulte a programação completa em www.cistermusica.com

